

Ciência social e comportamental em movimento: Um ensaio sobre o uso do método móvel

Social and behavioral sciences in motion: an essay on the use of the mobile method

Hartmut Günther¹; Ingrid Neto²; Caroline Machado¹, Lucas Heiki Matsunaga³

¹Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia, Brasília, Distrito Federal, Brasil. hartmut.gunther@icloud.com, carolmachadopesquisa@gmail.com

²Universidade Católica de Brasília, Programa de Mestrado e Doutorado em Psicologia, Brasília, Distrito Federal, Brasil. ingridluzaneto@gmail.com

³Universidade de Tohoku, Research Institute of Economy, Trade and Industry, Japão. matsunaga.lucas.heiki.s3@dc.tohoku.ac.jp

Resumo

O presente ensaio apresenta aspectos relativos ao uso de métodos móveis para avaliar a relação pessoa-ambiente, que extrapolam a análise estática ou estrutural desta relação. Para tanto, são apresentados procedimentos que capturam a riqueza de informações relatadas pelos indivíduos enquanto passam por diferentes ambientes onde relações pessoa-ambiente ocorrem. O método móvel permite compreender o movimento que as pessoas fazem em suas atividades cotidianas, conjugando dois procedimentos: (a) a observação do comportamento e das características presentes no ambiente onde o indivíduo se comporta e (b) a entrevista acerca das percepções do(a) participante frente aos estímulos presentes no ambiente. Apontando vantagens e desvantagens, apresentamos duas tipologias de entrevistas caminhadas: (a) aquelas onde o(a) participante tem familiaridade com a área e ele(a) próprio(a) determina a rota e (b) aqueles onde o(a) entrevistador(a) tem familiaridade com a área, sendo o passeio mais estruturado e projetado para suscitar respostas a lugares ou objetos específicos e predeterminados.

Palavras-chave: Método móvel; Walk around the block; Entrevista móvel.

Autor correspondente:

Hartmut Günther

E-mail: hartmut.gunther@icloud.com

Fonte de financiamento:

FAP-DF, projeto nr 44/2015

Parecer CEP

Não se aplica

Procedência:

Não encomendado

Avaliação por pares:

Externa

Recebido em: 09/10/2024

Aprovado em: 05/11/2024

Como citar: Günther, H., Neto, I., Machado, C., & Matsunaga, L. H. Ciência social e comportamental em movimento: um ensaio sobre o uso do método móvel. Revista Ciências da Saúde Ceuma, 2(3). <https://doi.org/10.61695/rcs.v2i3.51>

Abstract

This essay presents the use of mobile methods to assess the person-environment relationship, which extrapolates the static or structural analysis of this relationship. We present procedures that capture the wealth of information individuals report while passing through different environments where the person-environment relationships occur. Mobile methods allow one to understand the movement of people in their daily activities, combining two procedures: (a) observing behavior and the environment where the behavior occurs and (b) interviewing the participant about the perceptions of stimuli present in the environment. Pointing out advantages and disadvantages, we present two types of mobile interviews: (a) those where participants are familiar with the area and they determine the route and (b) those where the interviewer is familiar with the area, the route is more structured and designed to elicit responses to specific and predetermined places or objects.

Keywords: Mobile methods; Walk around the block; Walking interview.

“... a mobilidade transforma a ciência social”

(Urry, 2007, 44)

INTRODUÇÃO

Entre os aspectos da relação pessoa-ambiente investigados pelas ciências sociais e do comportamento, um trata da percepção e da avaliação que o indivíduo faz do ambiente (Steg & Groot, 2018). A questão a ser considerada neste ensaio é: como é possível lidar, de maneira metodologicamente adequada, com a riqueza de informação à qual o indivíduo é exposto constantemente, isto é, a cacofonia das estimulações visuais, auditivas, olfativas e táteis disponíveis no ambiente? Ou, usando as palavras de Kusenbach (2003), como trazer sensibilidade fenomenológica para experiências cotidianas? Urry (2007) observa que “não é de se adicionar simplesmente mobilidades a análises estáticas ou estruturais. Elas requerem uma revisão por completa da maneira como fenômenos sociais têm sido examinados historicamente” (p. 44). Assim, o presente ensaio visa a apresentar métodos que podem ser utilizados para avaliar a relação pessoa-ambiente, que extrapolam a análise meramente estática ou estrutural desta relação (Urry, 2007). O objetivo é apresentar métodos que podem ser utilizados para capturar a riqueza de informações relatadas pelos indivíduos que utilizam diferentes ambientes, observando atentamente como a relação pessoa-ambiente (realmente) ocorre. Para tanto, o trabalho é organizado em quatro partes: (1) desafios para a pesquisa com seres humanos; (2) o método móvel de pesquisa: definição, vantagens e limitações; (3) exemplos do método móvel; e (4) considerações para a pesquisa social e relações pessoa-ambiente.

Desafios a pesquisa com seres humanos

Preservar a autenticidade dos eventos observados

Um desafio básico em pesquisas realizadas com seres humanos consiste na obtenção de informação autêntica sobre o que o(a) participante da pesquisa faz e sente. Kish (1987) distingue três estratégias para se ter acesso a pensamentos e comportamentos: a) observar o

comportamento enquanto ele ocorre naturalmente; b) delinear experimentos, para que se possa observar o comportamento frente às demandas específicas e; c) perguntar para os participantes o porquê e o quê fizeram no passado ou fariam no futuro diante de uma demanda específica. Cada uma dessas vertentes metodológicas apresenta aspectos positivos e negativos, que devem ser considerados ao delinear a estratégia para coleta de dados. Nesse sentido, o uso da abordagem multimétodo, quando factível, pode compensar os respectivos prós e contras de cada procedimento, a fim de complementar e de facilitar a compreensão do fenômeno investigado e preservar a sua autenticidade (Günther, et al., 2008; Günther & Neto, 2015; Tashakkori & Teddlie, 2021). O método móvel permite utilizar dois procedimentos concomitantemente: acompanhar participantes em seus deslocamentos e, ao fazê-lo, observar e questionar suas reações.

Compreender o comportamento como um processo contínuo

Há de se fazer uma distinção entre estudar eventos delimitados, isolados *versus* compreender o comportamento como um processo contínuo. Boa parte das pesquisas centradas nos seres humanos visam compreender como um dado evento isolado é relacionado, condicionado ou até causado por outro evento, igualmente delimitado, que ocorreu no passado, ocorre no presente ou acontecerá no futuro. Porém, como lidar com eventos contínuos, isto é, como compreender o comportamento enquanto fluxo ou um processo que acontece em decorrência de outros eventos contínuos que ocorrem de maneira simultânea?

Muitos dos comportamentos investigados nas ciências sociais se referem às situações que ocorrem em movimento, tanto no espaço quanto no tempo (Urry, 2007): usar determinado modo de transporte, migrar de um país para o outro, trabalhar, estudar etc. Mesmo o comportamento de usar as mídias sociais e a internet, que não exige necessariamente uma movimentação física pelos usuários, remete à ideia de movimento frente à rapidez do fluxo de informações (Møller & Robards, 2019) e possibilidades de vivência em realidades virtuais (Kostakos et al., 2019). Dessa forma, vivenciamos um novo paradigma das mobilidades (Sheller e Urry, 2006). As pessoas estão em constante movimento em seu cotidiano e, por sua vez, impactando significativamente o estudo de fenômenos sociais. Assim, é preciso investigar comportamentos como processos em movimento, trazendo desafios significativos tanto em termos de coleta quanto de análise de dados. Desta maneira, Sheller e Urry (2006) criticam o “sedentarismo” das ciências sociais, que tendem a considerar os fenômenos como estáticos, desconsiderando sua fluidez e conectividade com outros fenômenos. Por isso, torna-se necessário utilizar procedimentos de pesquisa que acessem essa frequente movimentação, utilizando métodos que sejam tão móveis quanto as pessoas.

Método móvel de pesquisa: definição, vantagens e limitações

O que é o método móvel de pesquisa?

Uma estratégia para tentar minimizar os desafios apresentados anteriormente, isto é, preservar a autenticidade dos eventos observados e compreender o comportamento como um processo contínuo, refere-se à utilização de métodos móveis de pesquisa. Trata-se de compreender o movimento que as pessoas fazem em suas atividades cotidianas, considerando as características da vida contemporânea e incorporando a mobilidade aos métodos de pesquisa (Büscher & Veloso, 2018; Sheller & Urry, 2006). Neste método, acompanha-se os(as) participantes em suas atividades diárias, podendo conjugar dois dos procedimentos apontados por Kish (1987): a) a observação, em que são registrados tanto o comportamento do(a) pesquisado(a), quanto às características presentes no ambiente onde o indivíduo se comporta; e b) a entrevista, em que são feitos questionamentos (espontâneos) sobre as percepções do(a) participante frente a qualquer estímulo presente no ambiente. Pode-se, ainda, durante a coleta de dados, lançar mão do uso de recursos tecnológicos diversos, como tablets, celulares, câmeras, sistema de posicionamento global – GPS, equipamentos de medição de resposta galvânica da pele, gravadores de áudio, dentre outros.

Assim, ao se utilizar métodos móveis, busca-se investigar, além do comportamento e dos aspectos ambientais, “o movimento em si como elemento fundador da vida social” (Büscher & Veloso, 2018, p. 135). É a tentativa de apreciar e capturar a realidade que ocorre em movimento, de maneira fluida, processual e interacional. Um primeiro exemplo de método móvel foi relatado por Lynch e Rivkin em 1959. Em um estudo sobre percepção urbana, os pesquisadores apresentaram as seguintes instruções aos participantes: “*Nós vamos fazer um pequeno passeio. Não procure nada em particular, mas me conte o que você vê, escuta, cheira; tudo e qualquer coisa que você nota*”, após, foi informado que “*Um pequeno microfone foi afixado à lapela do sujeito, e o entrevistador gravou os seus comentários enquanto andavam em volta do quarteirão*” (Lynch & Rivkin, 1959, p. 24).

Embora outros estudos de percepção do ambiente urbano tenham sido realizados anteriormente, este talvez seja o primeiro onde as respostas dos(as) participantes tenham sido gravadas enquanto se moviam pela cidade. Deste então, diferentes áreas de estudo utilizam os métodos móveis de pesquisa, usando terminologias como *walk around the block*, *go-along*, *shop-along*, *ride-along*, *walk-along*, *walkabout* e *walking interview*. Kusenbach (2015) observou que “a técnica do *go-along* constitui um híbrido entre observação participante e entrevista, sendo, mais

modesto, mas também mais sistemático e focado no resultado do que *hanging-out* com informantes chave” (p. 154). A natureza essencialmente qualitativa deste método foi enfatizada. Carpiano (2009) observou que “a entrevista *go-along* é uma variante de técnicas qualitativas de entrevista” (p. 263). Ao realizar uma busca rápida na literatura sobre o tema, encontram-se trabalhos na antropologia (Czarniawska, 2007), psicologia ambiental (Thibaud, 2003), geografia (Bergeron, et al., 2014; Evans & Jones, 2011; Hein et al., 2008), saúde / gerontologia (Capone, 2001; Carpiano, 2009; Portella, 2019), avaliação pós-ocupação (Baird, 1995; Rheingantz et al., 2009), marketing (Pfarr & Gregory, 2010; Thompson et al., 2013) e sociologia (Büscher & Urry, 2009), dentre outros. Büscher e Veloso (2018) apontam, ainda, a possibilidade do uso deste método em pesquisas de a) acompanhamento do fluxo de objetos ou do trabalho de equipes médicas numa unidade hospitalar neonatal; b) investigação da interdisciplinaridade acadêmica, identificando razões pelas quais pesquisadores migrarem para áreas do saber teoricamente distintas de sua área de origem; ou c) identificação de práticas de resgate utilizadas por alpinistas. Assim, os métodos móveis podem ser utilizados em diversos tipos de pesquisas nas ciências sociais e humanas, ampliando consideravelmente a compreensão do objeto de estudo.

Vantagens do uso do método móvel de pesquisa

Uma das vantagens do uso do método móvel de pesquisa é a minimização da segmentação do comportamento estudado em unidades ou esferas (Sheller & Urry, 2006). Em um estudo sobre uso do transporte público, por exemplo, o foco não necessariamente será no local onde o(a) passageiro(a) pega o ônibus, onde se senta ou com quem conversa. O interessante é observar o fluxo de atividades que ele(a) realiza em seu dia a dia, o impacto de ter que utilizar o ônibus em outras tarefas que terá que desempenhar ao longo do dia ou como se enxerga por ter que usar o ônibus lotado. Esse aspecto permite uma compreensão mais ampla do comportamento como um processo que ocorre em movimento sendo impactado por eventos anteriores e subsequentes, em uma sociedade totalmente interconectada.

Convém ressaltar que esse aspecto representa uma ruptura aos métodos tradicionais de investigação comportamental, em que se prioriza a divisão dos eventos comportamentais em unidades de análise, para possibilitar sua descrição ou categorização (Hinde, 1973). Ao recorrer ao método móvel, o(a) pesquisador(a) não mais avalia unidades ou define classes de comportamentos, mas, ao contrário, capturará os comportamentos que ocorrem de maneira simultânea, tornando-se verdadeiros fenômenos sociais ocorrendo em tempo real. Outra vantagem desse método é reduzir distorções que podem ocorrer entre pesquisador(a) e participante, seja por questões de memória, ou até mesmo de incompreensão por parte do(a) pesquisador(a). Nesse

método, é possível ao pesquisador tornar-se, pelo menos brevemente, alguém parecido com o(a) participante. É um exercício de empatia, onde o(a) pesquisador(a) verdadeiramente se coloca no lugar do outro, e muitas vezes até se comove e “sente na pele” aquilo que o(a) participante vivência no cotidiano (Büscher & Veloso, 2018).

O fato de o pesquisador estar presente observando tudo que acontece enquanto o movimento ocorre possibilita uma compreensão das múltiplas interações do indivíduo com o ambiente: não somente em relação aos eventos “objetivos” que ocorrem, mas também o processamento ‘subjetivo’ destes estímulos, isto é, a sua avaliação. Esse “estar lá”, que possibilita o “sentir na pele”, também contribui para que o(a) pesquisador(a) muitas vezes “mova-se para dentro” da percepção do(a) participante. Conseqüentemente, os resultados advindos dessas pesquisas podem utilizar abordagens de cunho mais interventivo, i.e., voltadas para a resolução dos problemas sentidos pelo(a) participante e pelo(a) pesquisador(a) (Büscher & Veloso, 2018).

Desafios do método móvel de pesquisa

O método móvel oferece a vantagem de conjugar duas técnicas de pesquisa: observação e entrevista. Isso pode diminuir as desvantagens, lacunas e vieses que cada método apresenta isoladamente (Günther, 2011; Günther & Neto, 2015). Entretanto, este procedimento, como qualquer outro nas ciências sociais, apresenta uma série de limitações e desafios metodológicos. Em primeiro lugar, observações são potencialmente intrusivas e trazem em si vieses por parte do(a) observador(a). Já as questões realizadas durante a entrevista podem direcionar a atenção do(a) participante a um fenômeno que o(a) pesquisador(a) ache relevante, ao invés de outro que seja de maior interesse do(a) participante (Goodwin & Goodwin, 2016). Um segundo desafio ao coletar dados em tempo real é que, como múltiplas interações ocorrem de maneira simultânea, pode ser difícil para o(a) pesquisador(a) capturar tudo o que ocorre à sua volta. Sheller (2015) aponta que, uma vez que os fenômenos observados são complexos e estão em constante movimento, podem “escapar às perseguições da ciência” (p.136). Como o estudo acontece em movimento e em locais específicos, as questões de pesquisa precisam ser enquadradas em um lugar que possa ser percorrido. Não será possível, por exemplo, fazer a entrevista em lugar que não permita acesso ao(a) participante e ao(a) pesquisador(a). Além disso, o ato de caminhar, bem como o modelo de entrevista a ser utilizado, poderá excluir alguns tipos de participantes (e.g., pessoas acamadas não poderão participar de entrevistas caminhadas e deficientes auditivos possivelmente não poderão participar de entrevistas sem a presença de intérpretes (Evans & Jones, 2011). Porém, recentemente, estudos estão propondo alternativas para também incluir a experiência, por exemplo, de pessoas com deficiências ou em situações de vulnerabilidade, minimizando riscos e

favorecendo a inclusão desse grupo em pesquisas para propor soluções inovadoras para suas vidas (Bartlett, et al., 2023).

Um dos maiores desafios ao se utilizar o método móvel é o registro e a análise dos dados coletados. Registrar as verbalizações dos(as) participantes e suas impressões sobre o meio ambiente apresenta desafios semelhantes aos de qualquer estudo observacional ou de entrevista. No que diz respeito aos estudos observacionais, o(a) pesquisador(a) deve considerar que a exposição do(a) participante da pesquisa a estímulos padronizados e tecnológicos (e.g., celulares, GPS e câmeras) para registrar, por exemplo, a rota ou a distância percorrida, pode alterar as características presentes no “ambiente natural”. Além disso, o(a) pesquisador(a) pode selecionar alguns aspectos que julgue serem de maior relevância e rejeitar outros fatores, que talvez sejam até mais importantes que aqueles que optou por observar (Batista, 2010). Registrar os fatos observados também é complexo. Mesmo recorrendo a equipamento de gravação de áudio e imagem, pode ser desafiador selecionar qual estímulo será gravado. Por exemplo, ao verbalizar que determinado ambiente é hostil ao usuário, um pesquisador pode optar por filmar as características deste ambiente relatado, enquanto outro pode escolher registrar as expressões (negativas) do(a) participante em interação com aquele ambiente. Portanto, a questão da seletividade pode ser problemática para o(a) observador(a).

No que se refere ao uso de entrevistas, a qualidade dos dados dependerá do autorrelato do(a) participante, que poderá omitir detalhes importantes ou “ver situações por lentes distorcidas” (Gaskell, 2010). Entretanto, a seleção e/ou omissão de determinados detalhes representa justamente o que o(a) participante percebe e/ou quer relatar. Desta maneira, a “lente” não é “distorcida”, mas representa a forma que o(a) participante vê o ambiente. Além disso, é importante que o(a) pesquisador(a) se atente à qualidade dos registros de áudio feitos durante as entrevistas, se for o caso. Ao utilizar algum equipamento eletrônico para gravar as entrevistas, é possível que os ruídos presentes no próprio ambiente onde o estudo está sendo realizado interfiram na qualidade do material coletado, podendo inviabilizar o seu uso na etapa de análise de dados.

Por fim, a coleta e a transcrição dos dados coletados na pesquisa requerem maior disponibilidade de tempo. É necessário estar disponível para as demandas do(a) participante, em termos de dias e horários indicados para realizar a entrevista, bem como para ouvir as gravações e desagrá-las. Além disso, o(a) pesquisador(a) deverá depositar esforços para integrar os dados coletados na entrevista e na observação de comportamento, tentando estabelecer um fluxo coerente de interpretação e definir o *corpus* de pesquisa, isto é, a coleção finita de materiais com a qual decidiu trabalhar (Bauer & Aarts, 2010).

Exemplos de método móvel de pesquisa

Entrevistas caminhadas (walk along, walkabout, walking interview)

Entrevistas móveis buscam o movimento, com a intenção de dar um novo corpo à entrevista e criar oportunidades para aprender mais sobre a experiência do(a) participante em lugares e rotas particulares (Thille et al., 2021). Evans e Jones (2011) apresentam duas tipologias de entrevistas caminhadas: a) aquelas onde o(a) participante tem familiaridade com a área e na qual ele(a) próprio(a) determina a rota; e b) aquelas onde o(a) entrevistador(a) tem familiaridade com a área, sendo o passeio mais estruturado e projetado para suscitar respostas a lugares específicos e predeterminados. Trata-se de um contraste semelhante ao existente entre a entrevista livre versus a entrevista estruturada. No primeiro tipo, não são oferecidas instruções prescritivas sobre a caminhada ou a entrevista; é apenas solicitado ao(à) participante que apresente partes do ambiente que gostaria que fossem visitadas pelo(a) pesquisador(a). No estudo de Clark e Emmel (2008, p. 2), os(as) pesquisadores(as) diziam aos(às) participantes que estavam “interessados em conhecer sua vizinhança”, sem impor limites geográficos específicos. Dessa maneira, os(as) participantes poderiam levar os(as) pesquisadores(as) a qualquer lugar que considerassem apropriado, escolhendo a rota e demorando o tempo que quisessem. Os(as) participantes receberam câmeras descartáveis para que também pudessem tirar fotos. Durante a caminhada, eram estimulados(as) a emitir narrativas sobre o bairro e responder perguntas sobre os espaços e marcos considerados importantes. Todas as narrativas foram áudio gravadas. Já na segunda tipologia, tem-se como exemplo o “andar em volta de um quarteirão” (*walk around the block*), que consiste em acompanhar o(a) participante numa rota predeterminada, anotando a sua experiência e reações. De fato, vários estudos desenvolvidos recentemente sobre o uso de métodos móveis baseiam-se no estudo de Lynch e Rivkin (1959) (Baird, 1995; Bergeron, et al., 2014; Büscher, & Urry, 2009; Capone, 2001; Carpiano, 2009; Czarniawska, 2007; Evans & Jones, 2011; Hein et al., 2008; Jones et al., 2019; Machado et al., 2022; Pfarr & Gregory, 2010; Portella, 2019; Rheingantz et al., 2009; Silva et al., 2018; Silva, 2019; Thibaud, 2003; Thompson et al., 2013).

As entrevistas caminhadas geram dados muito extensos, pois o(a) participante atribui significados e relata conexões com o ambiente, estando menos sujeito(a) à desejabilidade social, isto é, dar respostas que julga socialmente esperadas (Evans & Jones, 2011). Trata-se de um procedimento de baixo custo e de baixa interferência, exigindo do(a) pesquisador(a) e do(a) participante apenas a capacidade e a resistência para andar. Como em qualquer técnica de entrevista, pode-se optar por usar um gravador para facilitar a transcrição das observações realizadas ou uma câmera para tirar fotos de eventos particularmente importantes durante a

caminhada. As fotos podem ser tiradas pelo(a) participante e/ou pelo(a) entrevistador(a). Além disso, ao invés de registrar imagens em paradas ocasionais, pode-se empregar gravadores de vídeo.

Entrevistas acompanhadas (go along interview)

As entrevistas acompanhadas são semelhantes às entrevistas caminhadas. A diferença é que a entrevista pode ser feita não somente enquanto se caminha, mas por meio do uso de outros modos de transporte, como a bicicleta (*bicycling with the research participant, ride-along*), o carro, ou o ônibus, por exemplo. Uma diferença essencial entre caminhar e andar de bicicleta com o(a) respondente da pesquisa consiste na disponibilidade de bicicletas, na capacidade de usar a bicicleta e na possível restrição ao uso e acesso aos locais a serem visitados. Questões de gravação de voz e registro fotográfico são semelhantes aos desafios de usar esses equipamentos na caminhada; uma diferença importante é que, a depender da infraestrutura urbana disponível, andar de bicicleta pode requerer mais atenção ao tráfego circundante do que andar. Nesse sentido, Kusenbach (2015) considera que “a técnica das entrevistas acompanhadas constitui um híbrido entre observação-participante e entrevista, sendo, por um lado mais modesta do que essas técnicas isoladas e, por outro lado, mais sistemática e focada no resultado obtido por meio do acompanhamento feito com o(a) participante” (p. 154).

CONSIDERAÇÕES PARA A PESQUISA SOCIAL E COMPORTAMENTAL

Apresentamos neste ensaio a definição de método móvel, apontando suas vantagens e desvantagens e apresentando alguns exemplos, como as entrevistas caminhadas ou as entrevistas acompanhadas. Tais métodos podem ser facilmente incorporados às pesquisas sociais que, por definição, visam investigar a relação recíproca entre pessoa e ambiente. Essa área da pesquisa social considera e valoriza o caráter dinâmico das interações pessoa-ambiente, não concentrando sua atenção na abordagem individual, nem tampouco na abordagem ambiental, mas em sua interdependência. Além disso, tais métodos corroboram a dedicação às pesquisas com validade externa, escassas em psicologia, mas muito defendidas em psicologia ambiental para uma aproximação maior entre os resultados da ciência e o mundo natural (Sommer, 2003). Assim, incorporar o aspecto da mobilidade inerente aos comportamentos humanos aos estudos das ciências comportamentais e sociais parece tarefa natural e simples. Tal uso pode oferecer um novo horizonte de investigação em psicologia ambiental, onde o(a) pesquisador(a) pode ter acesso às interações entre pessoa e ambiente em processos contínuos e em locais antes inimagináveis de investigação (Denton et al., 2021).

Estudos sobre comunidades que sofrem as consequências dos desastres, por exemplo, podem considerar como os moradores se movem de um espaço a outro após o desastre, tendo em vista o papel do ambiente na tomada de decisão (Isagawa & Ohno, 2018). Já em estudos acerca do envelhecimento populacional, podem identificar como pessoas idosas com mobilidade reduzida fazem para se locomover (Carroll et al., 2020). Portanto, o novo paradigma das mobilidades proposto por Sheller e Urry (2006) parece ser extremamente coerente e passível de ser incluído nas agendas de pesquisa sociais. A maioria dos comportamentos que investigamos nas ciências sociais (senão todos) ocorre em movimento. Portanto, a forma que pesquisamos também deve adotar características essencialmente móveis.

REFERÊNCIAS

- Baird G, editor. **Building evaluation techniques**. New York: McGraw-Hill; 1995.
- Batista CG. Observação do comportamento. In: Pasquali L, editor. **Instrumentação Psicológica**. Porto Alegre: Artmed; 2010. p. 273-307.
- Bartlett R, Koncul A, Lid IM, George EO, Haugen I. Using Walking/Go Along Interviews With People in Vulnerable Situations: A Synthesized Review of the Research Literature. **Int J Qual Methods**. 2023;22:16094069231164606. doi:10.1177/16094069231164606.
- Bauer MW, Aarts A. A construção do corpus: Um princípio para a coleta de dados qualitativos. In: **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático**. Rio de Janeiro: Vozes; 2010. p. 39-63.
- Bergeron J, Paquette S, Poullaouec-Gonidec Ph. Uncovering landscape values and micro-geographies of meaning with the go-along method. **Landscape Urban Plan**. 2014;122:108-121.
- Büscher M, Urry J. Mobile methods and the empirical. **Eur J Soc Theory**. 2009;12(1):99-116.
- Büscher M, Veloso L. Métodos móveis. **Tempo Soc**. 2018;30(2):133-151.
- Capone VC. **Satisfação de idosos em ambientes de vizinhança de duas regiões do DF** [dissertation]. Brasília, DF: Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia; 2001.
- Carpiano RM. Come take a walk with me: The “Go-Along” interview as a novel method for studying the implications of place for health and well-being. **Health Place**. 2009;15:263-272.
- Carroll S, Jespersen AP, Troelsen J. Going along with older people: Exploring age-friendly neighborhood design through their lens. **J Hous Built Environ**. 2020;35:555-572. doi:10.1016/j.healthplace.2020.102466.
- Clark A, Emmel N. **Using walking interviews**. Manchester: Morgan Centre, University of Manchester; 2010.
- Conselho Nacional de Saúde. **Resolução No. 466/2012** [Internet]. 2012 [cited 2024 Oct 3]. Available from: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>
- Conselho Nacional de Saúde. **Resolução No. 510/2016** [Internet]. 2016 [cited 2024 Oct 3]. Available from: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>
- Czarniawska B. **SHADOWING: And other techniques for doing fieldwork in modern societies**. Malmö, Sweden: Herndon, VA: Oslo: Samfundets litterature press; 2007.
- Denton H, Dannreuther C, Aranda K. Researching at sea: Exploring the ‘swim-along’ interview method. **Health Place**. 2021;67:102466. doi:10.1016/j.healthplace.2020.102466.
- Evans J, Jones P. The walking interview: Methodology, mobility and place. **Appl Geogr**. 2011;31(2):849-858.

- Gaskell G. Entrevistas individuais e grupais. In: **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático**. Rio de Janeiro: Vozes; 2010. p. 90-113.
- Goodwin KA, Goodwin CJ. **Research in psychology: Methods and design**. John Wiley & Sons; 2016.
- Günther H. Métodos de pesquisa em psicologia social. In: Torres CV, Neiva ER, editores. **Psicologia social: principais temas e vertentes**. Porto Alegre: Artmed; 2023. p. 47-68.
- Günther H, Elali GA, Pinheiro JQ. A abordagem multimétodos em estudos pessoa-ambiente: características, definições e implicações. In: Pinheiro JQ & Günther H, **Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente**. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2008, p. 369-380.
- Günther H, Neto IL. Comportamento no trânsito: Uma perspectiva da Psicologia Ambiental. In: Günther H, Silva FHVC, Neto IL, Feitosa ZO, editors. **Pesquisas sobre comportamento no trânsito**. São Paulo, Casa do Psicólogo; 2015. p. 29-50.
- Hein JR, Evans J, Jones P. Mobile methodologies: Theory, technology and practice. **Geogr Compass**. 2008;2(5):1266-1285.
- Hinde RA. On the design of cheek-sheets. **Primates**. 1973;14:393-406.
- Isagawa T, Ohno R. Influence of residents' cognition of their local environment on evacuation behavior from tsunamis: A case study of Onjuku, Chiba prefecture. **Jpn Archit Rev**. 2018;1(4):486-503. doi:10.1002/2475-8876.12045.
- Jones T, Günther H, Brownill S, Keivani R, d'Orsi E, Spencer B, et al. Brasil/Reino Unido **Mobilidade Urbana Saudável: Resumo dos principais resultados e recomendações**. Brasília, DF: Universidade de Brasília; 2019.
- Kish L. **Statistical design for research**. New York: Wiley; 1987.
- Kostakos P, Alavesa P, Oppenlaender J, Hosio S. VR ethnography: a pilot study on the use of virtual reality 'go-along' interviews in Google street view. In: **Proceedings of the 18th International Conference on Mobile and Ubiquitous Multimedia**; 2019 Nov. p. 1-5.
- Kusenbach M. Street phenomenology: The go-along as ethnographic research tool. **Ethnography**. 2003;4(3):455-485.
- Kusenbach M. The go-along method. In: Schwanhäußer A, editor. **Sensing the city: A companion to urban anthropology**. Gütersloh, Germany: Bauverlag; 2015. p. 154-158.
- Lynch K, Rivkin M. A walk around the block. **Landscape**. 1959;8(3):24-33.
- Machado CC, Günther H, Neto IL, Matsunaga LH. This place is not safe for walking. In: Boomstra B; Cutler-Broyles T; Rozzoni S. **Moving Spaces and Places**. Emerald Publishing Limited; 2022. p. 149-165.
- Møller K, Robards B. Walking through, going along and scrolling back: Ephemeral mobilities in digital ethnography. **Nordicom Rev**. 2019;40(s1):95-109. doi:10.2478/nor-2019-0016.
- Pfarr N, Gregory J. Cognitive Biases and Design Research: Using insights from behavioral economics and cognitive psychology to re-evaluate design research methods. In: **DRS2010 conference proceedings**. Montreal, Canada; 2010.
- Portella A. Introduction to the investigation: The PlaceAge Research. In: Place-making with older adults: **Toward age-friendly communities**. Vol 1, Nr 2, 2019.
- Rheingantz PA, Azevedo G, Brasileiro A, Alcantara D, Queiroz M. **Observando a qualidade do lugar: procedimentos para a avaliação pós-ocupação**. Rio de Janeiro: FAU-UFRJ (Coleção PROARQ); 2009. Available from: www.fau.ufrj.br/prologar
- Sheller M. Vital methodologies: Live methods, mobile art, and research-creation. In: Vannini P, editor. **Non-representational methodologies**. New York: Routledge; 2015. p. 140-155.
- Sheller M, Urry J. The new mobilities paradigm. **Environ Plan A**. 2006;38(2):207-226. doi:10.1068/a37268.
- Silva CM, Matsunaga LH, Günther H, Neto IL. The "go along" approach to study the relationship between the environment and residents of Brasília. In: **Proceedings of the 31st ICTCT Conference**. Porto, Portugal; 2018.

- Silva CM. **Você tem medo de quê? Percepção de insegurança na vizinhança** [dissertation]. Brasília, DF: Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília; 2019.
- Sommer R Towarda psychology of natural behavior. **APA Monitor**, 1977; 8(1); 1, 7.
- Steg L, de Groot JIM, editors. **Environmental psychology: An introduction**. John Wiley & Sons Ltd; 2018.
- Tashakkori A, Teddlie C, editors. **Sage handbook of mixed methods in social & behavioral research**. 2nd ed. Thousand Oaks, CA: Sage; 2021.
- Thibaud JP. La parole du public en marche. In: Moser G, Weiss K, editors. **Espaces de vie: Aspects de la relation homme–environnement**. Paris: Armand Colin; 2003. p. 113-138.
- Thille PH, Rotteau L, Webster F. More than words: methods to elicit talk in interviews. **Fam Pract**. 2021; 38(4): 545-547. doi:10.1093/fampra/cmab043.
- Thompson C, Cummins S, Brown T, Kyle R. Understanding interactions with the food environment: An exploration of supermarket food shopping routines in deprived neighborhoods. **Health Place**. 2013;19:116-123. doi:10.1016/j.healthplace.2012.10.003.
- Urry J. **Mobilities**. Cambridge, UK: Polity Press; 2007.